

# QUANDO A RELAÇÃO ADOECE: O SOFRIMENTO NA TRÍADE MÃE-PAI-FILHO A PARTIR DO FILME “PRECISAMOS FALAR SOBRE KEVIN”

WHEN THE RELATIONSHIP GETS ILL: SUFFERING IN THE MOTHER-FATHER-SON TRIAD FROM THE MOVIE “WE NEED TO TALK ABOUT KEVIN”

CUANDO LA RELACIÓN SE ENFERMA: EL SUFRIMIENTO EN LA TRÍADA MADRE-PADRE-HIJO DE LA PELÍCULA “NECESITAMOS HABLAR DE KEVIN”

## Gustavo Soares Domingues

- Psicólogo pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS).
- E-mail: gustavodomingues@unisantos.br

## Flávia Santos Silva

- Graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS).
- E-mail: flaviasantos@unisantos.br

## Hellen Vite de Andrade

- Graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS).
- E-mail: hellenvite@unisantos.br

## Roberta Melo Ferreira Veloso

- Graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS).
- E-mail: veloso@unisantos.br

## Thalita Lacerda Nobre

- Doutora em Psicologia Clínica. Docente do Programa de Mestrado Profissional em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas na Universidade Católica de Santos.
- E-mail: thalita.nobre@unisantos.br

## RESUMO

O presente estudo analisa a relação mãe-criança em um contexto psicopatológico, utilizando o filme *Precisamos Falar Sobre Kevin* como ponto de partida. Por meio da metodologia de revisão narrativa de literatura psicanalítica e análise da produção cultural por meio do método clínico psicanalítico, discute-se a influência de padrões de apego e objetos internos no desenvolvimento emocional do personagem principal, Kevin. A pesquisa obtém que falhas no ambiente cuidador e na regulação afetiva dos pais contribuem para vínculos inseguros e dinâmicas psíquicas hostis. Conclui-se que o cenário cultural contemporâneo exacerba o narcisismo e enfraquece figuras identificatórias, impactando significativamente no estabelecimento de relações interpessoais e no reconhecimento de si.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Infanto-Juvenil; Padrões de Apego; Dinâmica Psíquica.

## ABSTRACT

This study analyzes the mother-child relationship in a psychopathological context, using the film “We need to talk about Kevin” as a starting point. Through the methodology of narrative review of psychoanalytic literature and analysis of cultural production through the clinical psychoanalytic method, the influence of attachment patterns and internal objects on the emotional development of the main character, Kevin, is discussed. The research finds that failures in the caregiving environment and in the parents’ affective regulation contribute to insecure bonds and hostile psychic dynamics. It is concluded that the contemporary cultural scenario exacerbates narcissism and weakens identification figures, significantly impacting the establishment of interpersonal relationships and self-recognition.

**Keywords:** Children and youth development; Attachment Patterns; Psychodynamics.

## RESUMEN

El presente estudio analiza la relación madre-hijo en un contexto psicopatológico, tomando como punto de partida la película “Necesitamos hablar de Kevin”. Utilizando la metodología de revisión narrativa de la literatura psicoanalítica y análisis de la producción cultural a través del método psicoanalítico clínico, se discute la influencia de los patrones de apego y objetos internos en el desarrollo emocional del personaje principal, Kevin. La investigación encuentra que las fallas en el ambiente de cuidado y en la regulación afectiva de los padres contribuyen a vínculos inseguros y dinámicas psíquicas hostiles. Se concluye que el escenario cultural contemporáneo exacerba el narcisismo y debilita las figuras identificativas, impactando significativamente en el establecimiento de relaciones interpersonales y el autorreconocimiento.

**Palabras clave:** Desarrollo Infantil y Juvenil; Patrones de Apego; Dinámica Psíquica.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo discutir sobre a relação mãe-criança em um caso compreendido como psicopatológico e apresentado na produção fílmica “Precisamos falar sobre Kevin” (Original: “We need talk about Kevin”, EUA, 2011). Para isso, parte-se da observação atual de crimes da atualidade e suas possíveis indicações de sentido, isto é, da escuta de eventos atuais que se relacionam às questões profundas de origem em conflito entre filhos e pais.

Para a geração atual, seria impossível não se recordar do caso Suzane von Richthofen, crime parricida planejado pela adolescente com a ajuda do namorado e do irmão dele, no ano de 2002. Tal fato, na ocasião, chocou a opinião pública brasileira, causando grande comoção e revolta diante da atrocidade.

Na ocasião, o psicanalista Contardo Calligaris, escreveu ao Jornal Folha de São Paulo, algumas considerações sobre a característica das relações afetivas que se estabelecem na contemporaneidade. De acordo com o estudioso, o caso Suzane descortinaria a ideia das relações horizontais que se estruturam na atualidade. Em suas palavras: “Os jovens se formam em relações horizontais, entre companheiros e iguais. As relações verticais, hierárquicas (com os pais e outros adultos dotados de autoridade), contam cada vez menos” (Calligaris, 2002, s/n).

Assim, pode-se pensar que há algum tempo esteja ocorrendo uma transformação no modo como o sujeito se relaciona e se constrói, a partir de uma constante necessidade de reconhecimento pelo olhar do outro, do extra familiar. O psicanalista complementa observando que a subjetividade do sujeito seguiria a lógica de: “...existio porque os companheiros de meu grupo, os meus semelhantes, me aprovam e me tratam como um membro do bando. Devo quem eu sou a eles, não à bênção de alguém acima de mim. A cumplicidade e o mimetismo nas parceiradas são mais importantes do que os imperativos da autoridade” (Calligaris, 2002, s/n).

Apesar do crime citado anteriormente ter ocorrido há mais de duas décadas, é possível observar que daí em diante, delitos como esse têm ocupado o noticiário por diversas vezes.

Um exemplo é a notícia, no ano de 2024 que um adolescente de 16 anos matou a mãe com mais de nove facadas, conforme refere a chamada da matéria do Portal online R7. O motivo, segundo o autor do crime, foi que ele não gostava da mãe, pois era agredido (Adolescente, 2024a).

No site G1 Campinas e Região (Adolescente, 2024c), o destaque foi uma adolescente de 14 anos que reagiu e matou o padrasto ao ver sua mãe ser agredida e esfaqueada.

Os dois crimes citados anteriormente ressaltam uma tendência à violência familiar vivenciada pelos integrantes do núcleo, entre pais e filhos.

Para além da violência física expressada abertamente na família, outras notícias de crimes parricidas têm sido noticiadas, como a do site G1 SP (Patriarca, 2024), em que outro adolescente de 16 anos foi destaque nas notícias: matou o pai, a irmã, da mesma idade, e a mãe, dentro de casa, com a própria arma do pai, guarda civil. Desta vez o motivo relatado pelo autor foi a proibição de utilizar o celular e o computador.

Ademais, outras formas de violência, além do parricídio, também estão presentes entre as notícias recentes. Pode ser vista a violência entre os próprios adolescentes, como na matéria do portal UOL (Adolescente, 2024c), a respeito do estudante de 14 anos que matou três colegas da escola, a tiros, durante a aula, no interior da Bahia e no site G1 Petrolina (Polícia, 2024), referente ao garoto de 17 anos que matou um homem e feriu outro adolescente, da mesma idade, que entrevistaram numa discussão em uma praça no sertão de Pernambuco.

Mas qual motivo leva a tal cenário? Silva Júnior e Besset (2010) apontam que a eclosão da violência como um gozo sem mediação parece se justificar pelo declínio da interdição paterna, pela fragilidade simbólica, a perda do sentido e o imaginário inflacionado e culmina na procura por destruir o outro e romper os vínculos sociais. Ainda segundo os autores, o que chama a atenção é o fato de estarmos expostos a essa violência insistente e quase diária, o que a torna habitual, refletindo na sensação de uma sociedade atual mais violenta que as gerações anteriores.

Além disso, de acordo com Minerbo (2007; 2013), a temática do parricídio existe desde a formação de clãs, sendo retratadas desde as tragédias gregas.

Porém, na atualidade, pode estar desvencilhada de um sistema simbólico. Ou seja, se nas tragédias gregas, há uma ação contra conflitos insolúveis derivados da instituição - seja ela a *polis* ou a família -, na atualidade não há essa possibilidade, um corpo eliminado é apenas um corpo, sem seu significante atribuído (pai, mãe, irmão, amigo, entre outros) (Minerbo, 2007; 2013).

Calligaris complementa esse pensamento analisando que a horizontalização das relações familiares ocasionou transformação subjetiva em pais, filhos, irmãos e conseqüentemente, em figuras substitutas de autoridade. Elas perderam valor simbólico, como ressalta Minerbo. Para Calligaris, uma vez esvaziado de valor simbólico de autoridade, o sujeito se expõe a violência, nesse sentido: “as interdições aparecem como a expressão de uma autoridade que se justifica só na violência; a reação, se acontecer, será também violenta. Da mesma forma, o que se espera que os pais transmitam não são princípios ou exemplos, apenas bens materiais: a herança é só grana” (Calligaris, 2002, s/n).

Assim, a lei simbólica que nas sociedades verticais é transmitida pelos representantes de autoridade, nas sociedades contemporâneas e horizontais se esvazia, expondo o sujeito à ideia de onipotência do próprio desejo, lendo esse desejo como satisfação imediata das paixões. Um exemplo disso é o evidenciado no caso citado acima do adolescente que matou porque foi proibido de usar o computador.

Ainda com o intuito de compreender sobre as transformações subjetivas contemporâneas e a horizontalização das relações. É importante considerar que a constituição do sujeito se realiza a partir da relação dinâmica com a cultura. Os psicanalistas Cunha e Birman (2017), compreendem que a assimetria das relações alimenta um sujeito narcísico, que necessita de satisfação frequentemente para continuar a investir.

Nesse sentido, partem da concepção de que os modos de apresentação da violência contemporânea se dão por um viés narcísico, de um sujeito que busca neutralizar, recusar e aniquilar o outro. Os autores entendem, a partir da concepção winnicottiana de delinquência, que: “um ato violento pode ser compreendido como um protesto contra algo que não tem possibilidade de ser elaborado enquanto palavra na sua potência simbólica de doação de novos sentidos” (Cunha e Birman, 2017, p. 32) e que tem origem em situações de privação emocional. Assim, é o outro, na constituição

narcísica do indivíduo que se encontra no cerne do conflito identificatório.

Aulagnier, psicanalista francesa, entende que a satisfação pulsional, desde o início da vida, é fundamental para o sujeito internalize, inclusive, a antinomia dos objetos. A relação que compõe a contradição necessita ser vivida e sua ausência “significaria um estado perigosamente patológico” (Aulagnier, 1985, p. 162).

E, uma vez que essa percepção necessária da antinomia dos objetos falha, o sujeito seguirá buscando sentido para o vivido. Desse modo, Winnicott (1987) complementa com a concepção de que nos casos de delinquência, o indivíduo antissocial, desde os primeiros anos de vida, “...está simplesmente olhando um pouco mais longe, recorrendo à sociedade em vez de recorrer à família ou à escola para lhe fornecer a estabilidade de que necessita a fim de transpor os primeiros e essenciais estágios de seu crescimento emocional” (Winnicott, 1987, p. 122). É o outro que se encontra convocado no movimento da delinquência. Nos casos de crimes citados no início dessa pesquisa, isso é evidente: o sujeito privado de satisfação violentamente ataca o outro com o intuito de aniquilá-lo, deixando-o como se identifica: ele mesmo aniquilado.

É possível considerar que nesses casos, a falha narcísica foi intensa e profunda. Considerando o narcisismo de acordo com a breve definição de Laplanche e Pontalis (2001, p. 287): “por referência ao mito de narciso, é o amor pela imagem de si mesmo”, o sujeito narcísico, conforme Freud advertia é aquele que caiu doente por falha no amor a si. Nesse caso, o egoísmo, conforme Freud se refere, como investimento no próprio Eu se exacerba porque foi fragilmente constituído. Precisa ser alimentado durante todo o tempo para ter garantia de que existe. Não suporta a castração, porque é abalado facilmente em sua frágil estrutura.

Nesse sentido, Cunha e Birman (2017, p. 35) compreendem que, uma vez que o narcisismo se constitui a partir da relação com o outro, é possível considerar que as configurações culturais influenciam na forma como se apresenta e por isso, na contemporaneidade, o que se observa é: “...um tipo de relação na qual o outro é retido enquanto serve para o próprio usufruto do sujeito, sendo dispensado ao menor indício de essa experiência relacional trazer desprazer ou conflito (...). Assim, as relações intersubjetivas se localizam no registro da efemeridade”. Considera-se, com

isso, que conforme Lasch já antevia na década de 60 do século XX, as configurações sociais estavam se organizando de modo a exaltar e, ao mesmo tempo, enfraquecer o narcisismo dos sujeitos. Desse modo, nesse cenário, podemos compreender o personagem do filme que será analisado.

Para o presente estudo foi realizada uma análise fílmica a partir do viés psicanalítico e relacional. Nesse sentido, trata-se do que propõe Naffah Neto (2006) como uma pesquisa-investigação, pois implica o desejo do pesquisador acerca de um tema mobilizador. Assim, além dos autores citados anteriormente, recorreremos às contribuições psicanalíticas de Melanie Klein e John Bowlby, para a compreensão e escuta do fenômeno apresentado e retratada na produção cultural “Precisamos falar sobre Kevin”.

Assim, o presente estudo está subdividido em dois tópicos principais. O primeiro analisa os padrões de apego construídos pelo protagonista. Enquanto o segundo busca dialogar acerca dos objetos internos e a dinâmica psíquica de Kevin, Eva (mãe) e Franklin (pai), assim como o processo da dinâmica relacional entre as personagens.

## **RELAÇÃO ENTRE MÃE-CRIANÇA (EVA-KEVIN) A PARTIR DA PERSPECTIVA BOWLBYANA DE APEGO.**

Quando solteira, Eva era uma mulher livre. Logo no início do filme, Franklin, seu futuro marido, pergunta se desta vez ela irá ficar. Esse instinto de liberdade também aparece mais para o final, estampado num cartaz na vitrine da livraria onde Kevin está admirando a imagem de sua própria mãe, sobre as palavras: aventureira lendária. Ao ver-se grávida, Eva parece não estar confortável com a situação, diferentemente de seu marido, que procura organizar as coisas para a chegada da criança com prazer. Esse sentimento de rejeição, por ter que abandonar sua vida de liberdade para adentrar uma vida familiar com vínculos enraizados maternos, reflete diretamente num discurso pré-enunciado da posição que Kevin ocupará inconscientemente no cenário familiar.

Dialogando com a escola francesa de psicanálise a fim de contribuir com a perspectiva, fundamenta-se em Piera Aulagnier, que defende a constituição da imagem do bebê ao longo da gestação. Desse modo, a qualidade e a intensidade

presente no investimento libidinal advindos da mãe (ou do casal – funções parentais) são fundamentais para o desenvolvimento psíquico desse sujeito. O Eu do bebê seria antecipado pelo Eu da mãe, que interpreta desde o nascimento as atividades pictográficas do aparelho psíquico dessa criança (Scatolin, 2011). Dessa forma, dialogando com a escola psicanalítica francesa com a teoria de John Bowlby poder-se-ia refletir que esse discurso pré-enunciado do Eu atuaria de modo fundante sobre os modelos de funcionamento que constituem o sujeito. Logo, um discurso pré-enunciado subsidiaria um modelo de funcionamento representacional com maiores tendências disfuncionais, contribuindo com modelos de apego mais inseguros.

Nota-se em Eva a incapacidade para regulação de sua própria ambivalência, ao mesmo tempo que deseja satisfazer as necessidades de Kevin, sente raiva e ódio por ter que renunciar aos seus desejos e realizações profissionais e pessoais. Como exposto quando Eva diz ao filho, enquanto o alimentava e este jogava comida nas paredes, que era feliz antes do pequeno Kevin nascer e ao acordar toda manhã tem o desejo de estar na França. À luz da teoria descrita por Bowlby (1997), a fim de lidar com seus próprios conflitos internos os pais tendem a evitar seus motivos, fazendo uso de mecanismos como repressão, racionalização e projeção. Tal fato contribui para a dificuldade na construção e desenvolvimento de relações afetivas e compreensivas entre pais e bebês (Bowlby, 1979/1997).

Durante o filme é possível perceber a pobreza na vinculação afetiva entre Kevin e sua mãe, assim como demonstrado na cena a qual mãe e filho estão sozinhos na sala vazia da nova casa e não há diálogo, nem contato visual entre eles. Ou ainda, quando Eva está informando à Kevin sobre a chegada de alguém novo à família e perguntando ao pequeno se ele não queria companhia para brincar, Kevin responde que não e ela diz que logo mais ele se acostumará com a presença de mais alguém e que poderá gostar, o filho de Eva argumenta que não se gosta de algo somente por estar acostumado, já que a própria mãe estava acostumada com ele, deixando claramente subentendida sua sensação de não se sentir amado por ela.

O verdadeiro vínculo afetivo, conforme Dalbem e Dell’Aglío (2005), é constituído não somente pelas capacidades cognitivas e emocionais da criança, mas também pela maneira como é tratada, a prevalência dos cuidados, a

sensibilidade e responsividade de quem a cuida. Disfunções na capacidade de um indivíduo em estabelecer vínculos afetivos com outros, devido a falhas no desenvolvimento durante a infância, podem ser associados a distúrbios da personalidade e distúrbios psiconeuróticos (Bowlby, 1979/1997).

De acordo com Bowlby (1979/1997), o padrão de relações familiares experimentadas na infância é o que persiste e tende a ser recriado pelo indivíduo em suas demais relações, além de impactar fortemente no desenvolvimento da personalidade. Ainda conforme este autor, o funcionamento de uma personalidade considerada perturbada está relacionado à incapacidade do sujeito em reconhecer figuras capazes de lhe oferecer uma base segura e proteção, além de uma reduzida aptidão para colaborar de forma mútua em uma relação.

Essa perturbação, acima citada, é externada em forma de um apego ansioso, exigências excessivas e intensas para a idade e situação, não envolvimento indiferente e independência desafiadora (Bowlby, 1979/1997). O que pode ser visto como uma das causas subjacentes das atitudes extremas do menino e de sua aparente dificuldade em estabelecer relações saudáveis, constituindo, pelo contrário, vínculos afetivos de caráter patológico com extremo ódio, sadismo e destruição. As atitudes desse vínculo estabelecido por Kevin são exemplificadas quando o adolescente deixa a porta destrancada ao masturbar-se, permitindo que sua mãe presencie a cena ao abri-la, enquanto ele permanece encarando-a. De acordo com Bowlby (1981/2006, p. 74-75):

Podem-se distinguir três situações interligadas nas quais uma criança sofre privação da mãe: (a) Privação parcial; a criança vive com a mãe ou com uma mãe substituta permanente (inclusive um parente) cuja atitude para com ela não é satisfatória; (b) Privação total; a criança perdeu a mãe (ou mãe substituta permanente) por morte, doença ou abandono e não existem parentes para cuidar dela; (c) Privação total; a criança é retirada da mãe (ou mãe substituta permanente) e entregue a estranhos, pela justiça ou por outras organizações de assistência social ou de saúde pública, inclusive as instituições de voluntários.

Conforme observado no decorrer do filme, ao acompanhar o desenvolvimento de Kevin, percebem-se consequências no campo emocional. Segundo Rayane e Sousa (2018), a privação afetiva na infância apresenta-se comportamentalmente como uma criança insegura, com déficits nas interações sociais e hostil ao ambiente. Dessa forma, poder-se-ia dizer que Kevin apresentou a privação parcial, uma vez que sua mãe, enquanto objeto corporal, estava presente, mas sempre foi pouco provedora no que tange ao apego.

Bowlby (1981/2006, p. 75) afirma que os casos mais comuns de privação estão atrelados aos do tipo (a), de modo que abrangem todos os níveis de gravidade, em suas palavras “desde a mãe que deixa seu filho chorar por muitas horas porque os livros sobre bebês recomendam que façam assim, até os casos em que a mães rejeitam seus filhos totalmente”. Para Bowlby, formas parciais de privação podem ocorrer seja pelo fator ignorância, seja pelo fator hostilidade materna inconsciente. Ainda de acordo com o autor, quando se tem a hostilidade materna inconsciente, ela está atrelada, comumente, às próprias experiências infantis. Nesse sentido, é possível notar em Eva, certo vazio, mascarado por sua alma livre, que não cria raízes, conforme falado por Franklin ao pedir que “desta vez ela fique”, o que, por conseguinte, ecoa na maternidade e em Kevin. Além disso, aparentemente, Eva oscila entre as motivações, hostilidade inconsciente e a ignorância.

Desde bem cedo, Kevin apresenta um padrão de apego inseguro evitativo, no qual não tem confiança de que será atendido de forma satisfatória e espera ser rejeitado. Segundo Bowlby (1988/2024) esse indivíduo tenta tornar-se autossuficiente, vivendo sua vida sem o amor e apoio dos outros, podendo tornar-se narcisista. Há uma cena que exemplifica essa autossuficiência e hostilidade: Kevin está se vestindo sozinho no quarto. Sua mãe entra e se propõe a ajudá-lo. Ele responde: “Sei me vestir sozinho, vá embora!”. Sem esboçar reação, a mãe acata a solicitação dizendo: “Claro! Que bom que está melhor. Quer mais daquela sopa no almoço?” E Kevin encerra o assunto respondendo: “Pode ser, qualquer porcaria serve”.

O personagem principal do filme analisado representa, por diversas vezes, comportamentos agressivos para com aqueles que fazem parte de seu contexto. Assim como mostrado na cena em que Kevin amarra a irmã, Celia, para “brincar” de sequestro

de Natal. Após ser solta pela mãe, a menina abraça Kevin, que a manda “cair fora”. Em seguida, o mais velho pede para Celia pegar um refrigerante e a chama de retardada. Logo depois, liga o aspirador e coloca na cabeça dela. Manifestações de agressividade, segundo Bowlby (1979/1997), possuem importante papel na manutenção de vínculos afetivos, sendo utilizados como forma de ataques e “expulsão” de terceiros, além de servir como punição para o par. Nesse sentido, pode-se observar que Kevin utiliza de tal comportamento não apenas por ciúmes da irmã e seu papel ocupado na família, mas também para provocar sua mãe e fazê-la se sentir culpada.

No filme, o menino demonstra autoestima baixa, com semblante geralmente triste, sendo isto bem ilustrado no trecho em que está à porta do cômodo em que sua mãe acabara de decorar para usar como escritório. Eva pergunta se Kevin quer que ela o ajude a tornar o espaço dele especial. O filho questiona o que ela quer dizer com isso. A mãe explica que é fazer que tenha a personalidade dele. Kevin então a encara e pergunta: “Que personalidade?”. Correlacionando com os traços agressivos supracitados, esses ataques poderiam ser interpretados como uma tentativa de consolidar a personalidade a partir da expulsão do outro e estruturação das bordas de um Eu, sendo evidenciada pela fala de Kevin.

O modelo representacional interno de si do Kevin é fragmentado. A criança constrói seu modelo representacional interno dependendo de como foi cuidada. Posteriormente, o modelo internalizado, caso tenha sido de segurança, permite que a criança tenha autoconfiança e seja independente. Essa imagem interna consolidada através da relação com os cuidadores primários é a base para todos os relacionamentos íntimos futuros (Bretherton; Munholland, 1999 *apud* Dalbem; Dell’Aglia, 2005).

Por muitas vezes durante o filme, Kevin usa pouca linguagem verbal com sua mãe, realizando o *acting* para manifestar seus reflexos impulsivos. Logo após perguntar sobre o escritório, aproveitando a oportunidade da saída de Eva do local, a criança suja todas as paredes e a mesa com tinta vermelha, de forma a agredir sua mãe, impondo-se sobre ela simbolicamente por meio da tinta sobre os papéis. Neste ato – considerado como um vandalismo por Eva – Kevin expressa seu pedido de ajuda, suas faltas e seu Eu no espaço considerado de afeto e especial para sua mãe, utilizando da agressividade.

Ao optar por danificar o espaço de trabalho de sua mãe, Kevin desvela suas privações, evidenciando vínculos afetivos distorcidos e disfuncionais, além de apego inseguro e incapacidade de lidar com suas emoções de forma construtiva.

Por fim, observa-se o momento em que Kevin testa sua mãe durante a cena em que há a troca de fraldas do filho. Ele sai andando, olha para ela e evacua novamente. Nesse momento, Eva deixa sua posição de mãe e contra atua, pegando-o pelo braço e derrubando-o no chão, tendo como consequência a fratura do braço do menino. Tal aspecto reafirma o vínculo inseguro, salientado pela privação parcial da figura materna, uma mãe fisicamente presente que não consegue suprir as necessidades essenciais da criança. A interação problemática entre mãe e filho aparenta profunda influência no modelo representacional de si mesmo de Kevin, que internalizou uma visão negativa, percebendo-se como indesejado ou inadequado.

## **A PERSPECTIVA KLEINIANA DA CONSTITUCIONALIDADE DO SUJEITO: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES OBJETAIS DE KEVIN**

### *Eva e a função materna: a relação mãe-filho a partir do olhar materno*

Kevin, é um sujeito que nasce imerso em vivências que deixaram marcas mnêmicas (uterinas e pós-parto), principalmente atreladas a ausência de uma maternalização por parte de sua mãe. Isso sobressai na cena inicial em que Eva está no Festival La Tomatina e ao fundo há uma voz dizendo “ai meu deus, você tirou meu bebê”, seguido do som de um recém-nascido chorando. Tal perspectiva também se correlaciona a cena de parto em que a mãe é orientada para não resistir ao nascimento de Kevin. Em primeiro lugar, é importante perceber que na cena inicial, há a simbolização do nascimento dessa criança, mas, acima de tudo, dessa mãe, que apesar de seu superego inferir a necessidade de maternalização, não consegue atingi-la, manifestando traços de uma depressão pós-parto, com recusa e destrutividade em relação a essa criança. Conforme afirma Klein (1967/1975), um verdadeiro relacionamento amoroso com o bebê surge quando a mulher consegue atingir uma personalidade plenamente maternal.

Nessas cenas, há o desejo da mãe de permanecer com a criança dentro de si, aparentemente, na tentativa de manter-se objeto de libidinização para Franklin (o pai da criança), transparecendo impulsos vorazes e narcísicos de consumir o objeto de desejo e aniquilar o objeto que implica a falta. A questão da rejeição materna perante a gravidez se manifesta, principalmente, pela corporeidade, na desidentificação de Eva com seu self no processo de gestação, assim, o corpo se torna objeto de recusa. Partindo dessa perspectiva, Eva, aparentemente, nunca deixou essa criança nascer, simbolicamente é como se Kevin ainda estivesse dentro dela, pois todas as responsabilidades, culpas e reparações recaem sobre essa mãe, o que contribuiria para, de certo modo, manter o olhar e o investimento por parte de Franklin.

O Ego gravídico de Eva é alvo de toda sua destrutividade, cindindo-o e manifestando a ambivalência supracitada. A exemplo de tal aspecto, têm-se a cena em que Eva está em um curso preparatório para gestantes e se apresenta melancólica e vigilante em relação ao corpo das outras mães, enquanto as demais mulheres permanecem felizes e interagindo entre si.

Dessa forma, a gravidez que se quer (pelo desejo do objeto-marido), mas pouco se deseja, torna-se alvo do redirecionamento destrutivo que retorna a ela própria, gerando intensa culpa e estado deprimido. Tal aspecto ocorre pois, constantemente nas relações, sob a ótica kleiniana, há identificação projetiva e a identificação introjetiva. Dessa forma, não se trata apenas do fato dessa criança já estar dentro da mãe – logo o ataque seria a ela própria –, como dos mecanismos defensivos utilizados. Ao atacar a criança dentro de si, recusando-a, há uma identificação projetiva da recusa de si própria no estado de gravidez e uma identificação introjetiva da destrutividade que fantasia existir nessa criança, manifestando uma angústia persecutória da mãe em relação ao bebê.

Além disso, a cena em que há o enfoque no berço (apresentado por Franklin) balançando sem a criança poderia ser interpretada como o mundo interno dessa mãe que se sustenta vazio, mesmo com um bebê dentro de seu corpo. Ou seja, ao engravidar, seu mundo interno se dá como empobrecido, que está vazio e que não permite a inserção de um novo objeto nele (o bebê). Da mesma forma, o berço poderia ser interpretado como a própria mãe, que maternaliza o nada, que apesar de

querer atuar na função materna, não consegue possuir uma criança no berço (uma criança no útero e em si), logo não consegue investir na criança para maternalização.

Assim, torna-se um psiquismo intensamente angustiado, pois, aparentemente, há uma ambivalência entre desejar que esse bebê não nasça (mantendo-o dentro de si), para não existir um terceiro na relação Eva-Franklin, e sentir-se vazia, sem nenhum objeto dentro de si. Logo, uma posição esquizoparanóide entre amar o objeto e odiar a ponto de ele ser aniquilado e não existir. Como defende Segal (1973/1975, p. 11): “a posição depressiva nunca supera completamente a posição esquizo-paranóide; a integração alcançada nunca é completa e, além disso, as defesas contra o conflito depressivo provocam uma regressão aos fenômenos esquizo-paranóides, de modo que o indivíduo pode estar oscilando entre as duas posições” (Segal, 1973/1975, p.11).

A cena em que Eva está no corredor é cabível na interpretação da maternidade. Poder-se-ia pensar que, as crianças vestidas de bailarina que passam pelo corredor e perpassam Eva, seria como sua gravidez e a função materna. Ou seja, Eva não vivencia o processo, é atravessada por ele, experienciando-o de modo intrusivo, angustiante e clivador.

Quando Kevin nasce, Eva tem o investimento libidinal advindo de seu marido reduzido, sendo reavido por meio da posse das responsabilidades, culpas e reparações que deveriam existir em Kevin, como supracitado. Aparentemente, há em Eva o ciúme e a inveja da posição de afeto vivenciada por Kevin, que muitas vezes transborda no retalhar os comportamentos sádicos da criança. Por não conseguir suportar e neutralizar os impulsos destrutivos de Kevin, toda tensão se torna um potencial de retaliação, advindo da perda simbólica desse marido que deixa de amá-la e passa a exercer uma figura de pai, que ama o filho mais que tudo.

É importante ressaltar que Eva apresenta desejo de reparação. Tal fato pode ser elucidado por meio da cena em que Eva reconstrói o quarto para Kevin. A reconstrução do quarto poderia ser interpretada como a simbolização do desejo de Eva em reconstruir e reparar o mundo interno de Kevin, assim como a relação objetal entre eles. Da mesma forma, ela deseja ser mãe novamente, como se tivesse a expectativa de reparar a maternagem que “não teve êxito” com Kevin por meio de Celia.

## ***Franklin e a ausência da contenção: o pai aliado ao filho na aniquilação da mãe***

Quando Kevin é bebê, seu pai, aparentemente, é bastante ausente, sendo que os cuidados são providos quase que completamente por Eva. Franklin surge apenas para vivenciar o prazer de ter um filho, inclusive cobrando a mãe acerca dos cuidados com a criança. Logo, há sempre o intuito de permanecer como objeto de investimento dessa criança e proteger, inconscientemente, os impulsos sádicos dela, quase como uma posse narcísica por parte desse pai. Tal aspecto poderia ser traduzido na cena em que, após muito esforço, Eva consegue fazer Kevin dormir e parar de chorar, porém Franklin chega, o acorda e tira essa criança de uma posição de conforto, culpando a mãe pela criança estar dormindo no berço, dizendo que o bebê só precisa ser acalentado.

A todo momento, esse pai, ao invés de atuar em sua função paterna, sustenta a destrutividade dessa criança sem contê-la. Dessa forma, alia-se inconscientemente a Kevin a fim de manter-se na posição de objeto bom, colocando Eva como objeto mau. Isso ocorre pela falta de concordância desse pai com os limites que a mãe lutava para tentar impor, gerando o aniquilamento dessa mãe. Franklin sustenta-se como objeto idealizado, um “grande pai”. Vale ressaltar que Kevin, apesar de parecer suprido, não se afeta com os conteúdos providos por Franklin, aproximando-se dele apenas com o intuito de aniquilar a mãe, desvalorizando-a.

A exemplo, Franklin aniquila o desejo dessa mãe de ficar em Nova York, por idealizar que o filho vivencie uma vida de pura gratificação, com todas as possibilidades. Ao dar para esse filho, possivelmente, tudo o que não teve, não concede um aspecto fulcral ao desenvolvimento, os limites que contornam o Eu e os impulsos desse sujeito. Da mesma forma, a cena poderia ser interpretada correlacionando à fala do médico: “é só uma criança um pouco flácida”. A flacidez seria uma representação corporal dessa criança pouco contida, o mesmo que ocorre em relação aos impulsos destrutivos de Kevin. Logo, ao invés de fornecer essa contenção, Franklin fornece um espaço simbólico de dissipação dos impulsos, principalmente ao presentear Kevin com um arco e flecha. O arco e flecha seria um símbolo fálico e, também, da analidade-sádica, no qual as flechas seriam como as fezes e equivalentes à fantasia de ataques por bombas, a exemplo, Kevin atua utilizando das fezes para direcionar a destrutividade à mãe.

Todavia, o que Franklin não percebe é que ao atacar a mãe, na verdade, Kevin, simultaneamente, está atacando-o. Logo, não há um investimento real, apenas a fantasia desse pai de ser desejado pelo filho, que é mantida pelos comportamentos manipuladores de Kevin. No filme, isso pode ser exemplificado quando o pai o presenteia com o arco e flecha, após a mãe contar a história de Robin Hood, em um momento que Kevin se apresentava vulnerável pelo adoecimento e menos defendido. Dessa forma, a mãe foi desejada momentaneamente por Kevin, enquanto o pai foi, momentaneamente, rejeitado. Ao sentir-se rejeitado, o pai busca utilizar do objeto de investimento libidinal de Kevin – nesse caso a identificação com o Robin Hood – presenteando-o com um objeto simbólico dessa história.

Todavia, inconscientemente, Franklin nutre um instinto sádico dessa criança, que dispara uma flecha ao vidro onde sua mãe está atrás. Futuramente, essa será a mesma arma utilizada para matar seu pai e sua irmã – ambos objetos de investimento libidinal da mãe –, pois o desejo de aniquilar a mãe se manifesta no de matar o pai. Ao atacar a mãe, Kevin está atacando o pai, pois, desde o Édipo precoce a criança fantasia que o pênis do pai está dentro da mãe (figura parental combinada) (Simon, 1986) como se tivesse fixado na posição esquizoparanóide e nesse ponto do Édipo precoce.

### ***Kevin e a imersão nos instintos destrutivos***

Pode-se dizer que Kevin, vivenciou predominantemente o seio mau materno, pois, aparentemente, para ele a presença do seio bom atuou apenas como provedor das necessidades básicas. Logo, caracterizando-se como um objeto pouco provedor, pois para ele não havia afeto e cuidado, já que sobressaía o instinto de morte na relação objetal, pois Kevin a projetava incessantemente, manifestando, inconscientemente e ao mesmo tempo, como propõe Segal (1973/1975), uma ansiedade persecutória (ou angústia persecutória).

Kevin sempre buscou em sua mãe alguém que aplacasse a angústia do instinto de morte, mas a única coisa que conseguiu manifestar sobre ela, foi um espelho que contra-atuava com ele, aumentando a projeção destrutiva dele, pois nunca houve limites para seus atos. Ou seja, a destrutividade de Kevin projetada em Eva em conjunto com a ausência dela de materno, assim como pelas dificuldades na relação dos dois.

O instinto de morte, conforme Klein, seja atacando o objeto ou o self, tem o objetivo de expulsar um sentimento negativo por meio do ataque ao outro, sendo inerente o sadismo. Vale ressaltar que, além da persecutoriedade, ao atacar o outro, ataca-se esse objeto que existe no próprio mundo interno, ou seja, o self. Kevin se acostuma com os ataques da mãe vivenciando o seio mau, cheio de frustrações. A presença de muito sadismo pode vir a enlouquecer o outro caso haja contra-atauação, sendo o ato mais destrutivo a aniquilação desse sujeito a ponto de restar apenas aquele na posição de aniquilador. Além disso, as fantasias de Kevin, isso é, os movimentos psíquicos que o indivíduo faz nos sonhos e se apresentam na vida diurna (Simon, 1986) estão sempre ligadas à destrutividade.

O próprio brincar com a flecha pode ser interpretado em forma de destrutividade e ataque ao longo de seu desenvolvimento. Esse aspecto mostra-se presente, também, na adolescência, quando há CDs com vírus em suas coisas. Ao deixar um CD com vírus em seu quarto, vive uma ansiedade persecutória, erguendo defesas destrutivas contra essa mãe pela qual, aparentemente, sente-se invadido, assim como por toda destrutividade projetada nela.

No filme, há um adoecimento psíquico da mãe, com evidência ao final. O sadismo do filho a adoeceu, pois após o massacre, ela foi totalmente hostilizada pela sociedade. Esse sadismo em excesso de Kevin é decorrente da submissão de seus pais a todos os seus desejos, tornando-se cada vez mais narcisista e sem compreensão dos limites egóicos e do outro. Tal fato é exemplificado nas vezes que Kevin brinca destruindo os objetos sem explicação consciente. Como propõe Bittencourt (1982), para Klein, as atividades infantis servem para expressar, canalizar e controlar as fantasias por meio da simbolização, ligadas às relações objetais.

Não obstante, Kevin nunca elaborou o Édipo precoce de fato, existindo apenas um superego arcaico, rudimentar, tirânico e fragilizado, pois tem consciência dos atos transgressores, mas não sente culpa por eles. A culpa seria adquirida pela ambivalência entre os pais (Édipo precoce) em conjunto com a posição depressiva (Segal 1973/1975). Possivelmente, esse superego precoce é fruto da imago destrutiva elaborada a partir da identificação projetiva com a mãe. Tal superego arcaico e tirânico estaria atrelado, simultaneamente, à contrição intensa do sujeito, das possibilidades fantasiosas e da

aquisição de uma posição depressiva. Conforme defende Minerbo (2015, p. 83-84):

Como vimos, instala-se uma luta de vida ou morte entre o aspecto paranoico da figura parental e o psiquismo em formação, pois cada um representa uma ameaça ao narcisismo do outro. Essa situação vai gerando, além do terror ligado à ameaça de morte (angústia de aniquilamento), um ódio que se potencializa reciprocamente. Como esse ódio excede a capacidade do psiquismo de metabolização, será clivado, indo reforçar o contingente pulsional do Isso. Quando essa dinâmica tanática se instala precocemente – como é o caso nos pacientes que apresentam um núcleo psicótico importante –, podemos ter a impressão, como Klein (1932/1975), de um ódio constitucional que ataca e estraga o objeto bom (Minerbo, 2015, p. 83-84).

Além do mais, já com a perspectiva do Complexo de Édipo Freudiano (fálico), que é reafirmado por Klein e acontece por volta dos 6 anos, há uma cena na qual Kevin diz que “a transa é um menino colocar o pipi dele no da menina”, ressaltando a fantasia infantil de que a menina tem um pênis. Logo, não há angústia de castração (Segal, 1973/1975). Tal fato, sustenta a ausência de culpa e dos limites que Kevin manifesta, pois não se tem medo de ser castrado (contido/limitado). Partindo dessa perspectiva mais freudiana, haveria uma perversão sádica, pois surge o prazer em danificar o outro. Tal aspecto se sustentaria, concomitantemente, pelo fato do pai sempre ser um bom objeto, que não geraria riscos à castração. Da mesma forma, nos anos iniciais Eva está sempre presente, mesmo que destrutiva, enquanto Franklin se apresenta de modo mais ausente, não atuando na interdição da relação destrutiva Kevin-Eva, gerando a ausência da fantasia de uma castração ao pai que seria retalhada. Tais aspectos, se consolidam pela inexistência do investimento libidinal de Kevin para Eva, ele, possivelmente, se identifica com essa mãe e deseja esse pai, mesmo que, exclusivamente, com o objetivo de inferir sofrimento à mãe.

Todavia, para Melanie Klein a perspectiva é um pouco diferente, ela pauta-se em Hans Sachs ao dizer que o superego do pervertido não é menos severo, mas que possui um outro funcionamento, para eles há a permissão de algumas tendências proibidas para fugir de outras que o superego considera mais cruéis (Klein, 1927/2023). Nesse

caso, pode-se pensar que seria mais cruel a esse superego de Kevin a perda do controle sádico-oral e sádico-anal que possui sobre seus pais, principalmente a mãe, a exemplo a cena em que Kevin faz cocô com o intuito de interditar a relação sexual dos pais.

Poder-se-ia dizer, portanto, que a partir da perspectiva de Klein, Kevin não elaborou a situação edípica precoce e não atingiu a posição depressiva. Logo, não sente culpa e ansiedade depressiva por infligir danos e destruir os objetos bons. Todavia, há a introjeção da imagem materna, que por ser só destrutiva, manifesta-se como um superego arcaico e cruel, responsável pelos desejos de Kevin destruir os objetos bons (tanto externos, quanto internos). Assim como há conflitos na elaboração da situação edípica precoce, Kevin não possui boa resolutividade no seu complexo de Édipo (fálico) aos 5/6 anos.

Pode-se dizer que ambas as perspectivas são premissas consolidadas em Kevin. Apesar de ser primitivo, ainda há um superego nessa criança, mas com finalidades bastante distintas de um superego integrado – como ocorreria em um neurótico e com as regras sociais. Possibilita-se, assim, a assertiva de Freud ao dizer que no sádico perverso – como Kevin com base na perspectiva freudiana – existe um superego fragilizado no que tange às contenções. O superego primitivo de Kevin, como o nome já diz, é primitivo e pouco contentivo, não formou um núcleo, pois não teve posição depressiva, emanando instinto de morte já que se constituiu a partir da imagem representacional da destrutividade da mãe.

Nesse sentido, tal aspecto pode ser ratificado quando Kevin diz à mãe “você sabe ser muito cruel às vezes”, sendo rebatido por ela que defende a inaptidão do garoto para julgá-la, Kevin finaliza o assunto ironizando e confrontando sua mãe com a frase “posso, eu posso, sabe com quem eu aprendi!?”. Percebe-se que mesmo na adolescência há a predominância da identificação projetiva com os aspectos destrutivos da mãe. Mecanismo que, por sua vez, nutre e sustenta esse superego primitivo, sem núcleo e fragilizado.

Bittencourt (1982), pautando-se na perspectiva kleiniana, defende que o psicopata está fixado em uma posição em que há necessidades, mas poucas possibilidades de decodificação em termos verbais, que estaria ligada a função

simbólica do sujeito. Dessa forma, recorda-se das cenas em que Kevin não utiliza da verbalização, da dificuldade dele de colocar em palavras, das atuações e até mesmo dos olhares deprimidos, de ódio ou inveja.

Com o tempo, Kevin ganha a verbalização, todavia, essa pauta encontra-se na aquisição de uma linguagem sem função de simbolização real, pois as fantasias inconscientes ainda são manifestas em impulsos e ausentes de culpa. De acordo com Segal (1970 *apud* Bittencourt, 1982) a simbolização está conectada à atividade egóica com o objetivo de elaborar a angústia decorrente da relação objetal (ansiedades paranóide e depressiva), de modo que, quando a relação objetal é perturbada, há, também, a perturbação dos símbolos. Nesse caso Kevin não vivencia a elaboração de símbolos autênticos, pois a fantasia simbolizada, ela se dispersa aos objetos emanada de impulsos destrutivos e sádicos desordenadamente. Ou seja, devido a relação conturbada com o objeto materno e o excesso de identificações projetivas destrutivas, Kevin a cada atuação manifesta maior destrutividade e menor simbolização pela via da verbalização.

De acordo com Cleckley (1950 *apud* Bittencourt, 1982) ao pautar-se na perspectiva kleiniana, enfatiza que o fator base do traço psicopático seria a privação da aprendizagem com a experiência, desenvolvendo, por conseguinte, a impulsividade e a irresponsabilidade, assim como a incapacidade de sentir culpa e sensibilidade geral. Nesse sentido, percebe-se que Kevin, em diversos momentos manifesta os *acting outs* e a ausência de culpa, de modo que ele não encontra, pela via simbólica, uma significação dos instintos. Sobretudo, observa-se a inveja e o ciúme de Kevin no que tange a relação de Celia e Eva, observando, novamente, a ausência de culpa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa cumpriu o objetivo proposto de discutir sobre a relação mãe-criança em um caso compreendido como psicopatológico e apresentado na produção fílmica “Precisamos falar sobre Kevin”. Nesse sentido, parte da união entre linhas psicanalíticas, compreendendo que, apesar de existirem conteúdos internos de cada indivíduo, tal qual as pulsões e/ou instintos, há ainda a necessidade de um ambiente contingente. Dessa forma, cabe ao ambiente a função sustentadora, adequando-se às

necessidades infantis, mas sem agir de maneira excessiva para que a criança não se sinta em um processo de intrusão, além de permitir colocá-la no princípio da realidade.

Sobretudo, deve-se entender que, os cuidados suficientemente bons devem ser aqueles capazes de colocar a criança em contato com a realidade objetiva, incluindo a compreensão de uma mãe que sobrevive e é um objeto total, que também frustra. Logo, não cabe a culpabilização dos pais, mas sim a ênfase de que o cuidado deve-se pautar no encontro autêntico, partindo da simbiose, à relação objetual e à formulação de um terceiro espaço, que permite o brincar e a saúde. Assim como, um encontro, pautando-se no desejo, em que há confiança e sobrevivência perante a ambivalência que surge entre os impulsos agressivos e amorosos.

A guisa de conclusão, recorre-se a perspectiva winnicottiana, que afirma não haver ninguém melhor do que uma mãe (lida enquanto função materna), para conhecer melhor o bebê. No entanto, deve-se pensar que as pessoas que ocupam a função materna, por vezes, também necessitam ser cuidadas. Assim como, a infância consiste em um momento de acentuadas possibilidades de reparação, sendo necessário revisar as qualidades afetivas do ambiente cuidador e agarrá-las quando surgirem, a fim de fornecer um desenvolvimento emocional que sustente a vivência das fases posteriores.

Por fim, entende-se que o presente estudo possui suas limitações generalizadoras por se tratar de uma revisão narrativa e análise cultural, mas em seu objetivo, não havia a presunção de protocolar informações acerca dos cuidados. Isso pois, conforme supracitado, o cuidado deve ser autêntico, de modo que, o que pode ser generalizado, são apenas os cuidados essenciais e corporais, como alimentação, higienização e atenção à saúde.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOLESCENTE mata a mãe com mais de nove golpes de facas pelo rosto. Cidade Alerta - R7. Disponível em: <https://record.r7.com/cidade-alerta/adolescente-mata-a-mae-com-mais-de-nove-golpes-de-facas-pelo-rost-08102024/>. Acesso em: 3 nov. 2024a.

**ADOLESCENTE mata três estudantes a tiros em escola no interior da Bahia.** Portal de notícias do UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/10/18/ataque-a-tiros-deixa-ao-mortos-em-escola-no-interior-da-ba.htm>. Acesso em: 3 nov. 2024.

**ADOLESCENTE vê mãe ser agredida e esfaqueada, reage e mata padrasto em Monte Mor.** Portal de notícias G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2024/10/26/adolescente-ve-mae-ser-agredida-e-esfaqueada-reage-e-mata-padrasto-em-monte-mor.ghtml>. Acesso em: 3 nov. 2024c.

AULAGNIER, P. **Os destinos do prazer: alienação, amor, paixão.** Rio de Janeiro: Imago, 1985

BITTENCOURT, M. I. G. F. **Estrutura da personalidade psicopática segundo a concepção kleiniana: os distúrbios do pensamento.** Arquivos Brasileiros de Psicologia. v. 34 n.1, p. 37-49, jan./mar. 1982. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1982-32715-001>. Acesso em: 20 de abr. 2024.

BOWLBY, J. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego.** Porto Alegre: Artmed, 2024. (Original de 1988)

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental.** 5. ed. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2006. (Original de 1981)

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** 3ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Original de 1979)

CALLIGARIS, C. **Suzane: pano de fundo.** Jornal Folha de São Paulo – Caderno Ilustrada, 14/11/2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1411200226.htm>. Acesso em 19 de dez. 2024.

CUNHA, M. P.; BIRMAN, J. **Muros do vazio: Narciso revisitado.** Tempo psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, p. 30-49, dez. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382017000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 16 de dez. 2024.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. **Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v57n1/v57n1a03.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2024.

## QUANDO A RELAÇÃO ADOECE: O SOFRIMENTO NA TRIÁDE MÃE-PAI-FILHO A PARTIR DO FILME “PRECISAMOS FALAR SOBRE KEVIN”

KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação**. In: KLEIN, M.; RIVIERE, J. Amor, ódio e reparação. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. (Original de 1967)

KLEIN, M. Tendências criminosas em crianças normais. In: \_\_\_\_\_. Amor, culpa e reparação. São Paulo: Ubu Editora, 2023. (Original de 1927)

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B; **Vocabulário da psicanálise**. Santos: Martins Fontes, 2001.

MINERBO, M. **Contribuições para uma teoria sobre a constituição do supereu cruel**. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 49, n. 4, p. 73–89, dez. 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2015000400006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2015000400006). Acesso em: 20 de abr. 2024.

MINERBO, M. **Crimes familiares contemporâneos**. Revista Percurso, 38, 135-144, 2007. Disponível em: [https://revistapercurso.com.br/index.php?apg=artigo\\_view&ida=226&ori=edicao&id\\_edicao=38](https://revistapercurso.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=226&ori=edicao&id_edicao=38). Acesso em: 03 de out. de 2024.

MINERBO, M. **Ser e sofrer, hoje**. Ide, v. 35, n. 55, p. 31–42, jan. 2013. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062013000100004](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100004). Acesso em: 03 de out. 2024.

NAFFAHNETO, A. **A pesquisa psicanalítica**. Jornal de Psicanálise, v. 39, n. 70, p. 279–288, jun. 2006. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100018](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100018). Acesso em: 03 de out. 2024.

PATRIARCA, P. **Adolescente de 16 anos matou primeiro pai e irmã dentro de casa em SP; veja cronologia do crime**. Portal de notícias G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/05/22/adolescente-de-16-anos-matou-primeiro-pai-e-irma-dentro-de-casa-em-sp-veja-cronologia-do-crime.ghtml>. Acesso em: 3 nov. 2024.

**PRECISAMOS Falar Sobre o Kevin** (We Need to Talk About Kevin). Direção de Lynne Ramsay. Roteiro: Lynne Ramsay, Rory Stewart Kinnear. EUA: Bbc Films; Uk Film Council; Artina Films; Independent, 2011. Color. Legendado.

**POLÍCIA Civil apreende adolescente de 17 anos por matar homem a golpes de faca em Moreilândia**. Portal de notícias do G1 - Petrolina. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2024/11/01/policia-civil-apreende-adolescente-de-17-anos-por-matar-homem-a-golpes-de-faca-em-moreilandia.ghtml>. Acesso em: 3 nov. 2024.

RAYANE, D. B.; SOUSA, D. H. A. V. de. **Privação afetiva e suas consequências na primeira infância: um estudo de caso.** Revista InterScientia, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 90–111, 2018. DOI: 10.26843/intercientia.v6i2.721. Disponível em: <https://periodicos.unipe.edu.br/index.php/intercientia/article/view/721>. Acesso em: 21 abr. 2024.

SCATOLIN, H. G. **Contribuições de Piera Aulagnier à metapsicologia freudiana: um enfoque sobre os modos de funcionamento originário, primário e secundário para a constituição do Eu.** Psicologia Revista. São Paulo, volume 20, n.2, p. 145-165, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/10337>. Acesso em: 25 de abr. de 2024.

SEGAL, H. **Introdução à obra de Melanie Klein.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 1975. (Original de 1973)

SILVA JÚNIOR, J. N.; BESSET, V. L. **Violência e sintoma: o que a psicanálise tem a dizer?.** Fractal: Revista de Psicologia, v. 22, n. 2, p. 323–336, maio 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/3FRQR7hwYY3cqMMGX9NQ65H/#>. Acesso em 03 nov. 2024.

SIMON, R. **Introdução à psicanálise: Melanie Klein.** São Paulo: EPU, 1986.

WINNICOTT, D. **Privação e delinquência.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.